

6 Pontos de chegada

*...Eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, desperto
E abro a janela, pálido de espanto...*
Olavo Bilac

O desejo do saber; de ouvir estrelas. O desejo de conhecer que instituição era a escola; de levantar as contribuições que esta instituição poderia fornecer à universidade; de averiguar como a escola estaria repercutindo na universidade em um projeto de parceria, impulsionaram-me a empreender esta investigação. Um desejo impossível de saciar, pois saciá-lo aniquilaria o próprio desejo de saber (Charlot, 2000). É chegado o momento de organizar e apresentar alguns pontos de chegada.

O objetivo central do estudo era procurar desvelar as repercussões da escola na universidade via um projeto de parceria e foi com agradável surpresa que, ao organizar os dados, percebi que, apesar de ainda ser pequena a aproximação da universidade com a escola, esta se apresenta em reflexões de seus professores e em algumas ações desenvolvidas.

Reflexões - sobre a necessidade de um maior conhecimento da realidade escolar, sobre a fragmentação existente no currículo do Curso de Pedagogia, sobre a possibilidade de a escola desempenhar, efetivamente, um papel formador, sobre a necessidade de um olhar “compreensivo” e menos preconceituoso sobre a escola, sobre as contradições entre questões acadêmicas e questões da prática escolar, sobre a falta de retorno de informações para as escolas - foram feitas pelos professores e pelos estudantes da universidade.

Uma ação efetiva no intuito de conhecer a realidade da escola foi empreendida por uma das disciplinas, alterando, de certa forma, sua dinâmica. Uma ação no sentido de trazer para a universidade o saber da experiência dos profissionais da escola foi realizada: três professores das escolas parceiras proferiram palestras para os estudantes na universidade. Uma ação buscando a integração de disciplinas teóricas com a prática da escola foi realizada através da implantação de 20 horas de estágios nas disciplinas de Metodologia. Esta

integração também se deu através da interação de duas disciplinas teóricas com um tipo de estágio, através da realização de uma pesquisa.

Muitas reflexões e poucas ações. Está aí um ponto que dificulta a aproximação da escola com a universidade. Lidar com a escola traz exigências “de ação”. Ninguém se opõe a um ensino reflexivo, mas “ninguém aprende a ser um professor reflexivo lendo um livro sobre professor reflexivo” (Estagiária P). Reflexões neste sentido já são feitas por professores da universidade.

Eu acho que nós temos um discurso muito bonito, mas uma prática muito rala, muito rarefeita. Está faltando, realmente, a gente meter as mãos. Como o nosso professor, o nosso estagiário, o nosso *practioner* da prática de ensino vai realmente se envolver e não fazer aquele relatório bobo e dizer que o professor não sabe dar aula e enche o quadro de exercício. Quando é que a gente vai deixar de fazer essa crítica tola, vazia, inócua e partir para um envolvimento? (Prof D, universidade).

O mundo da sala de aula é feito de atividade e conflito e é neste contexto que tem sentido pensar em profissionais reflexivos no ensino (Zeichner 1993, 2000).

A ampliação de horas de estágio e a formalização da parceria possibilitaram, a estagiárias que realizaram estágios mais participativos, interações com professores experientes. Interações que estavam se traduzindo em modos muito efetivos de aprendizagem profissional. As Estagiárias foram além de “sentar e observar”. Elas observaram, refletiram, participaram e aprenderam interagindo com a realidade da escola, tendo como mediador desta realidade o saber de um professor: isso fez a diferença. Seus estágios não foram mais uma disciplina do curso de graduação. Essas estagiárias estão se formando para e com a escola, porém, ainda sem a presença da universidade mediando o processo. O exemplo isolado relatado no estudo, mas não presenciado, de uma prática de ensino feita em uma parceria da universidade com uma ONG, nos mostra os frutos que podem ser colhidos quando a universidade assume esta mediação.

A escola aponta para incertezas e contradições que requerem ações urgentes e concretas. Não basta sentar e observar. É necessário participar, interagir. Formar professores para e com a escola significa prepará-los para observar, decidir e agir em situação. Lidar com a escola, ser formado com e para ela, traz exigências de ação, melhor dizendo, de interação. Observar e refletir são

atitudes importantes na formação mas não são suficientes para quem está se formando para lidar com a realidade da escola.

Um desdobramento da questão central da pesquisa era o levantamento das contribuições da escola à universidade na formação de professores. Nesta questão específica não houve grandes surpresas: a apresentação da realidade e a apreensão da prática dos professores seriam papéis que, segundo os interlocutores do estudo, caberiam à escola na formação de professores.

Um pensamento menos acurado poderia, então, entender que um estágio mais duradouro, propiciando maior observação da realidade, resolveria a questão. Porém, a realidade da escola é complexa e contraditória. Há uma cultura da escola, uma cultura escolar rica e ainda desconhecida, esperando ser desvelada. Há todo um emaranhado de fios simbólicos e relações de poder estabelecidas entre seus agentes. Existem os “novos alunos” que entraram em cena a partir da demanda das classes populares pela instituição escola, tornando necessária a procura e a construção de um outro modelo de escola que acolha essa demanda e que procure a superação das desigualdades sociais. É complicada a situação da instituição escolar. É complexa a formação do professor para essa escola. Não basta observar. É preciso observar e refletir sobre as questões educativas, para que deste modo não se reproduzam, acriticamente, esquemas e rotinas. Torna-se necessário que, através de um diálogo reflexivo, os futuros professores tenham conhecimento da realidade e que, a partir dela, novas perspectivas e novos marcos de referência sejam criados. Dentro dessa perspectiva, o papel dos professores da escola na formação de professores, é conveniente, mas não fundamental. O papel da escola poderia ser o de continuar sendo campo de variadas observações e um espaço de recepção e acolhimento dos futuros professores, cabendo aos professores da universidade a reflexão sobre a realidade.

Apreender a prática dos professores, na visão dos interlocutores da pesquisa, seria um papel que caberia à escola, na formação de professores. Dentro deste contexto, a escola passa a ser vista como um espaço de exercício profissional. Ainda não é esperado que conhecimentos teóricos sejam apreendidos na escola. Ainda não é percebido que a prática, aparentemente despida de teoria, como ressalta Garcia (2000) está, em toda a sua riqueza, carregada de teoria, e espera-se que os futuros professores observem a realidade e as práticas da escola, reflitam sobre elas e mudem a maioria das escolas que

existem. E aí encontramos um conflito. Há uma crença de que as práticas da escola, em especial a da pública, são de baixa qualidade. Os professores são acusados de não estarem preparados para desenvolver, em grande parte, uma pedagogia ativa e diferenciada. Observar para fazer diferente seria então o caminho? Observar práticas variadas para, a partir delas, refletir, comparar e escolher seu modo especial de ensinar? Não faria diferença o professor que seria observado? Não foi o que efetivamente a pesquisa mostrou. Alguns professores das escolas fazem a diferença e são co-formadores dos futuros professores. A interação entre estagiários e professores profissionais faz a diferença.

Professor profissional (Altet, 2001, Faingold, 2001; Perrenoud, 2001) ou professor de profissão (Tardif, 2002) é aquele prático que adquiriu, através de longos estudos, o status e a capacidade para realizar com autonomia e responsabilidade atos intelectuais não rotineiros na busca de objetivos inseridos em uma situação complexa; “um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta” (Tardif, 2002, p. 230).

Acreditar que os professores sejam detentores de saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles, no âmbito de suas tarefas cotidianas, cria a necessidade de um diálogo com os professores que devem ser considerados não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos competentes que detêm saberes específicos ao seu trabalho. O professor profissional é um sujeito do conhecimento que desenvolve e possui, sempre, teorias, conhecimentos e saberes de sua ação. Essa idéia se opõe ao conceito tradicional de saber associado à teoria e de prática desprovida de saber, onde os professores são vistos como aplicadores de conhecimentos produzidos pela pesquisa universitária, pesquisa essa que se desenvolve, na maioria das vezes, “fora da prática e do ofício do professor” (Tardif, 2002, p.235).

Se considerarmos a interação dos professores profissionais com os estagiários, a escola e a atuação desses professores passa a ser um núcleo central no processo de formação de professores, não sendo, apenas, um espaço de apresentação da realidade e de apreensão de práticas de ensinar. É necessário, porém, que a universidade se aproxime da realidade da escola para levar em

consideração esquemas e rotinas de alunos e professores reais - e não ideais - e que assuma a mediação.

A ausência de ligação estreita entre a universidade e a escola e a falta de preparação formal, quer dos orientadores da escola, quer dos orientadores da universidade e dos estagiários, são obstáculos à aprendizagem dos futuros professores. É prioritária a definição de critérios e práticas claras que possibilitem um diálogo crescente entre os dois contextos formativos: a escola e a universidade. Os estágios, dentro deste contexto, precisam ser repensados e práticas mais eficazes de colaboração precisam ser equacionadas.

A montagem de estratégias de articulação entre a universidade e a escola passa pela definição dos papéis dos agentes envolvidos e pelo reconhecimento e valorização dos agentes da escola. É importante que os estágios sejam mais participativos e definidos. O exemplo instigante do modelo de estágio em parceria com escolas do Québec fornece interessantes parâmetros para a montagem dessas estratégias. Estratégias que poderiam ser pensadas e definidas a partir da interlocução dos diferentes segmentos envolvidos: estagiários, professores das escolas e da universidade.

A formação requer que os formadores sejam, eles próprios, práticos especialistas prontos à observação dos alunos e também companheiros e guias para os estagiários no caminho da experiência e da conscientização, e isto requer que eles sejam “criadores de mecanismos de reflexividade” (Faingold, 2001, p.133). Nessa perspectiva, é fundamental a definição do perfil do professor que vai interagir com o futuro professor. Não é qualquer professor, seja ele da escola ou da universidade, que deve lidar com o estagiário.

A contradição entre o realismo da escola e o idealismo da universidade poderá, quem sabe, ser ultrapassada se conseguirmos conceber uma formação de professores que seja, ao mesmo tempo, adaptada às exigências da escola tal como ela é, e seja, ao mesmo tempo, portadora de mudanças para essa escola. Escola e professores que são contraditórios: conservadores e inovadores; idealistas e realistas; frágeis e fortes. Para tal não basta conceber os professores recentemente formados como agentes de mudança. Eles têm que ser atores, capazes de analisar a situação na qual se encontram e as suas contradições, de identificar margens de manobra e de suportar conflitos, incertezas e riscos. Para uma formação desse tipo, estágios intensivos e diversificados são importantes, mas não suficientes; é

necessário uma forte articulação entre a prática e a reflexão sobre essa prática. É necessário, sobretudo, interação com professores profissionais. “Estou pensando. Eu acho que o professor que dá aula, o mestre, é que é a chave de ouro para a formação desse futuro professor, para que ele se identifique” (Prof. W, escola 4).

Apresentação da realidade, a prática e o saber dos professores da escola e a interação entre estagiários e professores profissionais são contribuições que fazem da escola uma instância formadora de professores em parceria com a universidade. “Eu acho que a escola é um lugar de formação porque a gente pode trocar” (Prof. Y, escola 1).

As análises feitas neste estudo permitem apontar a parceria como uma via promissora para a formação de professores. A parceria caracteriza-se essencialmente como a construção de um novo paradigma de formação do professor, em que se observa, e isso precisa ser enfatizado, a existência de complexas interações, envolvendo estagiários, docentes da escola básica e professores da universidade. Trata-se de um movimento que está apenas começando. Com isto, o debate sobre professor reflexivo adquire impulso, estando associado a uma parceria colaborativa, sendo práticas que tentam superar a racionalidade técnica que tem colocado a universidade e a escola como instituições desarticuladas.

A formação baseada na colaboração por parceria exige a elaboração de um plano de trabalho prévio. A integração teoria-prática é um aspecto fundamental dessa estratégia, significando estreita relação entre a formação teórica, a formação prática e a prática profissional. A formação de professores, sem prescindir de uma sólida formação teórica, deve aproximar-se de uma formação prática que possibilite aos professores um desempenho baseado em observação, reflexão, interação e intervenção na realidade escolar. Para tal, não é a prática que está subordinada à teoria, mas é a prática e a teoria que, uma vez integradas, contribuem para a formação do professor.

A idéia de saber implica a existência de uma pessoa. Uma pessoa que está em relação com ela própria e com os outros que partilham e validam esse saber. A relação com o saber é, também, uma relação com o outro, e é em termos de relação que devemos pensar, porque o que está em jogo são pessoas situadas em um contexto. A educação é uma produção de si para si mesmo, mas isso se torna possível pela mediação do outro e com sua ajuda.

Fico imaginando quão interessante teria sido se eu tivesse tido a oportunidade de observar uma interação entre estagiários e professores experientes das escolas mediadas pelo saber dos professores da universidade. Estagiários e professores das escolas ou, como considero mais adequado, aluno-mestre e professor-profissional em interação. Professor profissional que reconhece e tem reconhecido seu saber, que zela por ele e o faz um importante trunfo para o estabelecimento da profissão docente. Saber que reconhece estar em permanente construção. Saber de quem atua refletindo na, sobre e com a ação e que não se opõe a compartilhá-lo com quem está iniciando os caminhos da profissão. Alunos-mestres e professores profissionais aprendendo e fazendo aprender, mediados pelo saber da universidade que cumpriria seu papel de ser, como quer Santos (2000), um ponto privilegiado de encontro de saberes.